

O INFERNO PARA AMAR¹

Ênio Brito Pinto

Há muitos anos um amigo pediu-me um texto com reflexões sobre o amor para um livro com o mesmo tema que ele organizaria. Por diversos motivos o livro não saiu e o texto que escrevi acabou esquecido em um fundo de pasta no computador até que duas coincidências numa mesma semana o fizeram ressurgir. Conversando com um amigo que tem casa em Penedo, RJ, contei a ele a lenda tupi da Serra da Mantiqueira; insatisfeito com o relato, ele quis que eu lhe enviasse por escrito a lenda. Aproveitei e enviei todo o artigo, o qual acabou por provocar interessantes reflexões por parte desse meu amigo engenheiro. Na mesma semana, Myrian Bove me pediu um texto com reflexões sobre o amor para um novo número da SampaGt. Resolvi, então, trazer à luz esse texto já quase maior de idade, escrito em 1996, época em que estudei muito detidamente e por alguns anos a psicologia junguiana, a qual acaba por influenciar de boa forma as ideias que desenvolvo no texto. Espero que ele provoque também boas reflexões e boas vivências amorosas em quem o ler.

Atravessa os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro uma cadeia de montanhas conhecida pela sua beleza e pelos deslumbrantes espetáculos que proporciona aos visitantes. Pores-do-sol embriagantes, céu noturno estrelado como nenhum outro, cachoeiras sedutoras, rios de águas límpidas, trilhas e estradas extasiantes e matas assustadoras são facilmente encontrados por aqueles que passam pela Serra da Mantiqueira. Mas a principal característica dessa serra é a imensa quantidade de água que pode ser encontrada por lá. Tanta, que o nome “Mantiqueira”, que vem do tupi *Amantigir*, significa “serra que chora”.

Há algum tempo, tomei contato com o mito indígena que trata da criação da Serra da Mantiqueira e fiquei surpreso ao notar que descobria também uma das mais belas histórias sobre o amor. O mito da criação da Mantiqueira é também um mito sobre o inferno para amar, esse tão necessário e tão desprezado caminho para que o ser humano alcance a plenitude de sua capacidade amorosa.

Desde que fiz esta descoberta, tomei-me de paixão ainda maior pela serra, pois à sua beleza tão encantadora somei o significado simbólico de sua majestade e ficou ainda mais claro

¹ Publicado na revista SampaGt, nº 7, p. 59-64

para mim o motivo de seus picos apontarem com tanta insistência para o céu. É que eles representam o caminho para que se possa alcançar aquela ingenuidade confiante de quem ama, a pureza de coração imprescindível para que se possa alcançar a graça de amar.

Recolhi essa história de um jornal regional e a guardei cuidadosamente em minha casa. Transcrevo-a aqui tal qual está no jornal, para depois fazer algumas reflexões sobre o significado que vejo nessa história no que diz respeito ao inferno para amar.

Antes, quero fazer uma observação que me parece curiosa: que força extraordinária tem o amor, presente em praticamente todas as histórias, ainda que elas não tenham como fim precípuo falar dele! Fico pensando que amar é destino inevitável do ser humano, mesmo que muitos tentem fugir disso.

Vamos, então, ao mito extraído do jornal “Correio da Serra”, Passa Quatro, MG, s/d:

MANTIQUEIRA QUE CHORA

Conta a lenda que vivia uma princesa encantada da brava tribo Guerreira do Povo Tupi ... Seu nome o tempo esqueceu, seu rosto a lembrança perdeu; só se sabe que era linda. E era tão linda que todos a queriam, mas ela não queria ninguém: vira homens se matarem por vê-la: tacapes velozes triturando ossos, setas certeiras cortando as carnes; como poderiam amá-la se não amavam, sequer, a si próprios?

... A Bela Princesa se apaixonou pelo sol, o guerreiro de cocar de fogo e carcás de ouro, que vivia lá em cima, no céu, caçando para Tupã. Mas o sol, ao contrário de tantos príncipes, não queria saber dela: não via a sua beleza, não escutava as suas palavras nem se detinha para tê-la.

Mal passava, cálido, por sua pele morena, sua tez cheirando a flor; mal acariciava seus pêlos negros, suas pernas esguias, e, fugaz, seguia impávido a senda das horas e das sombras... Mas ela era tão bonita que senti-la nua, seus pequenos túrgidos seios, seus lábios de mel e seiva, sua virginal lascívia, acabaram também encantando o sol... E o Guerreiro de Cocar de Fogo fazia horas de meio-dia sobre o Itaguaré...

A lua, mal surgia sobre a serra, já sumia acolá; logo não havia noite, o sol não se punha mais... e não havia sono, e não havia sonho, e tão perto vinha o sol beijar a amada que os pastos se incendiavam, a capoeira secava e ferviam os lamaçais...

De ténues penugens de prata, plumas alvas de cegonhaçu, a lua viu que estava ameaçada por uma simples mulher: o Sol, que na Oca do Infinito já lhe dera tantas madrugadas de prazer, tantas auroras de puro gosto, se apaixonara por uma mulher...

E tanto, de tanto que Tupã quis saber o que era, que a lua, cheia de ódio, crescente de ciúme, minguante de dor, se fez um novo ser de noites-sem-lua e foi contar tudo para Tupã... Como uma simples mulher ousou amar o sol? Como o Sol ousou deter o tempo para amar alguém? Que ele nunca mais a visse! Mas o sol tudo vê!... Tupã ergueu a maior montanha que existia e lá dentro encerrou a Princesa Encantada da Brava Tribo Guerreira do Povo Tupi... O sol, de dor, sangrou poentes e quis se afogar no mar... a Lua, com a dor de seu amado, chorou miríades de estrelas, constalados e prantos de luz... Mas nenhum choro foi tão chorado como o da *Princezinha*, tão bela, que nunca mais pôde ver o dia, que nunca mais sentiria o sol... Ela chorou rios de lágrimas, Rio Verde, Rio Passa Quatro, Rio Quilombo... Rios de águas límpidas, minas, fontes, grotas, ribeiras, enchentes, corredeiras, bicas, mananciais... Seu povo esqueceu seu nome, mas chamou de Amantigir, a “Serra-que-chora”, Mantiqueira, a montanha que a cobriu... Conta a lenda que foi assim...

(Excerto da peça “A Fantástica Lenda de Algures”)

Embora o amor seja destino inevitável do ser humano, o roteiro que se há de seguir para se alcançar a possibilidade de amar não é fácil. Pelo contrário, ele é cheio de armadilhas, de riscos e de perigos. Talvez o maior perigo seja aquele de que nos fala a tradição cristã: “ama aos outros como a ti mesmo”. Sim, o amor deve começar pela própria pessoa, pois só aquele que se ama é capaz de amar ao outro. O amor por si mesmo é o primeiro passo que o ser humano dá ao começar a desenvolver sua capacidade de amar. O primeiro, não o único. Um passo necessário, mas não suficiente, embora muitas e muitas pessoas não consigam passar dele.

É o caso de nossa princesa encantada da Brava Tribo Guerreira do Povo Tupi. Linda, deslumbrou-se consigo mesma e, como vemos no princípio do mito, não conseguiu ir além do primeiro passo (“mas ela não queria ninguém”). Esse é o amor infantilizado, aquele amor egoísta que acontece quando a pessoa ainda não conseguiu olhar além de si, o amor narcisista de quem não cansa de se admirar no espelho. Infantilizado, porque típico da infância, já que a criança, até

certa idade, ainda não é capaz de alcançar aquilo que é chamado de alteridade, a capacidade de se colocar no lugar do outro e de percebê-lo em toda a sua amplitude.

É nesse estágio de amor que vamos encontrar a nossa princesa no início do mito. Ela não entendia que as lutas que os guerreiros travavam por ela eram lutas amorosas. Incapaz de amar, acreditava que eles também não sabiam amar, já que se destruía em batalhas cujo propósito era conquistá-la. A princesa, por ainda não ser capaz de amar, não podia compreender que o amor traz sempre consigo o trágico, a ponto de o ser amado tornar-se muitas vezes mais importante que a própria vida daquele que ama. A princesa preferiu acreditar que os guerreiros não se amavam, já que arriscavam a própria vida pelo amor, atitude que não ocorria a ela. Sendo ela mesma o objeto do próprio amor, só conseguia querer preservar-se, já que é propósito do amor preservar o ser amado. Ela, que só conseguia amar a si mesma, não percebia que esse é apenas o primeiro passo para que se possa verdadeiramente amar aos outros.

No entanto, a força da vida é imensa, a ponto de permitir que mesmo o medo mais arraigado ou o maior narcisismo - o que muitas vezes dá no mesmo - possa ser vencido. Brota, então, em nossa princesa, uma necessidade de redirecionar a energia amorosa. Mas ainda assim ela não consegue se apaixonar por algum guerreiro. Seu amor por si mesma ainda é por demais forte, tanto que ela se apaixona pelo sol, o caçador de Tupã, aquele que vive no céu.

Viver no céu é o efeito e o desejo provocados pelo amor. Quem ama se sente como se estivesse no céu, tal a quantidade de energia vital que amar libera para a pessoa amante. Penso até que amamos para alcançar um pedacinho do céu. Mas o caminho para chegarmos lá passa necessariamente pelo inferno, e a princesa quis pular essa parte do trajeto amoroso. Desejou ir direto ao céu e, então, apaixonou-se pelo sol.

O SOL

O sol é o astro maior em nosso planeta, tradicionalmente representante do ápice da força masculina. Como todo símbolo, o sol tem duas facetas: por um lado representa a atitude orgulhosa e soberba, a presunção, a incapacidade de convivência com a humildade. Por outro lado, o sol representa também a claridade, a descoberta, a iluminação, a inspiração. Iluminação e inspiração que o amor proporciona àquele que ama, tal a clareza que quem ama pode perceber no existir.

Comentemos a princípio a primeira simbologia do sol, a da presunção. Ao apaixonar-se pelo sol, a princesa tupi, qual mariposa, foi atraída para o excesso de luminosidade, chamando a

nossa atenção para o risco que corre quem não está atento aos seus reais limites: o perigo de perder-se de si por imaginar que potencial é poder.

Todos nós trazemos inerente um enorme e inexplorado potencial de desenvolvimento e de crescimento, que temos o dever de descobrir e de constantemente atualizar, por toda a vida. Porém é potencial: algo virtual que só a muito custo e em pequena parte conseguimos transformar em realidade, em poder, em capacidade. Ao nos deixarmos levar pela vaidade exagerada, nos iludimos e confundimos aquilo que pode ser com o que é, acabando por regredir ao invés de progredir. Por causa da presunção de nossa princesa, “não havia sono, e não havia sonho” um sinal de que ela não estava podendo discriminar o sonho da realidade. A tentativa de aproximar-se demais do sol, da claridade, é uma tentativa de parar o tempo (em outros termos, uma tentativa de sustar o processo de amadurecimento na esperança de livrar-se das dores a ele inerentes), de negar a necessidade da experiência como geradora de conhecimento e propulsora da transformação do que é potencial em poder.

O mito da Mantiqueira nos mostra uma princesa impaciente, como geralmente são muitos jovens, desatenta para a prudência indispensável para manter em marcha a onda do crescimento que nos embala no correr dos anos da vida. De modo pueril, ela quer saber antes de experimentar, quer ter o sol sem a lua, o conhecimento sem o sentimento.

Quanto à outra faceta do sol, a luminosidade, quem ama sabe que essa iluminação, esse calor inspirador amoroso, não pode durar para sempre: há de existir o noturno ciúme e o medo da perda do ser amado; há de existir o ribombar da raiva defensora para que o ser amante não se perca no ser amado; há de existir a brisa refrescante da saudade para que o amor não queime; há de existir a lua suave para que o amor também tenha um pouco de paz. Há de existir a água despertadora para que a atenção possa fluir de um ser a outro num ritmo harmonioso, evitando o risco de que a pessoa, tomada pelo amor, fique presa ao que sente, esquecendo-se de repartir com o ser amado toda a vivificante energia que percebe em si. Há de existir o inferno para que o céu possa ser alcançado.

A princesa encantada da tribo Guerreira do Povo Tupi não quis saber de nada disso. Amar o sol foi a forma que encontrou para aparentemente dirigir para fora a energia amorosa que ela teimava em manter dirigida somente para si mesma. E o que a princesa encontrou foi aquilo que encontram todos aqueles que, por medo de amar, enclausuram o amor dentro de si, voltado apenas para si mesmos: a aridez cáustica (“E tão perto vinha o sol beijar a amada que os pastos se incendiavam, a capoeira secava e ferviam os lamaçais...”)

Trazendo para junto de si somente o sol, tudo o que a princesa conseguiu foi afastar de si a vida, porque afastou de si toda a possibilidade de mistério ao iluminar permanentemente o seu mundo. Faz-me lembrar o poeta Mário Quintana: “Uma alma sem mistérios nem seria alma.” E justamente esse era o risco que nossa princesa corria: tornar-se sem alma, desalmada, incapaz de direcionar harmoniosamente o amor existente dentro de si.

Para que a princesa pudesse lidar com a amor de uma forma mais plena, seria imprescindível que conseguisse aumentar sua capacidade de estar diante do misterioso. Não me refiro aqui ao mistério no sentido de suspense apenas, mas no de propiciador de uma atitude curiosa diante do mundo, propiciador de uma atitude de respeito à imprevisibilidade da vida, pois é justamente essa imprevisibilidade o oxigênio da fogueira da existência. Ao mostrar a princesa buscando somente a ligação com o sol, o mito tupi traz um alerta que me parece importante: a *claridade absoluta nos torna tão cegos como a mais profunda escuridão*. O mito quer nos fazer ver que no ser humano a sombra é forte como a luz, pois do contrário nunca seria possível algum tipo de equilíbrio.

A LUA

A lua aparece no mito da criação da Mantiqueira como a representante das forças sombrias da princesa. Representa também sua feminilidade, fazendo um contraste com a força masculina do sol. A lua, filha da misteriosa noite, insurge-se e teima em afastar a princesa do sol, exigindo uma atenção ao feminino, até então desprezado pela obstinação da princesa em não entrar em contato com os sentimentos, com a delicadeza, com a própria fragilidade e com as possibilidades de amor cuidadoso que somente a feminilidade engendra.

A lua, o aspecto sombrio da princesa, mobiliza toda a magnífica força inconsciente, aqui representada por Tupã, o deus maior dos indígenas. A lua pede a Tupã que o sol nunca mais pudesse ver a princesa. Em outros termos: já que a princesa nega o contato com os mistérios da vida, que eles a tomem para si, negando-lhe também a luz.

Diz o dicionário etimológico que *inferno* vem do latim *infernu*, situado abaixo da terra, e é nesse sentido que estou entendendo aqui o termo, apesar de saber que em nossa cultura a conotação mais comum é outra.

A tradição cristã localiza no inferno o local do suplício dos condenados e esta é a noção que faz parte do imaginário popular quando se fala do inferno. Mas, como pudemos ver pela etimologia da palavra, o inferno não é apenas o lugar de suplício ou de sofrimento, mas também

o lugar do contato com as avaliações mais sinceras e com as verdades mais íntimas, na medida em que é o espaço da profundidade. Se observarmos, por exemplo, a mitologia grega, veremos que o lugar sob a terra para onde os mortos iam não era apenas de sofrimento: também os Campos Elíseos estavam lá. A visão mais maniqueísta do inferno é filha da ideologia cristã da idade média, que procura evitar os significados polares de cada símbolo. Nas culturas mais puras, o inferno, como de resto qualquer símbolo, conserva sua qualidade de dualidade, de apontar para pelo menos duas vertentes da verdade. É esse o caso aqui: o que Tupã faz é encarcerar a princesa num inferno que ele cria, a serra da Mantiqueira.

Tupã mostra à princesa aquilo que pode ser visto com facilidade em qualquer trecho da Mantiqueira: as mais frondosas árvores têm as mais profundas raízes. Quanto mais se quer alcançar a claridade do céu, mais é necessário mergulhar no inferno de si mesmo, nas próprias energias internas, nas contradições inerentes à existência, nas próprias podridões, no contato com os sentimentos (às vezes tão assustadores), no desconhecido de si mesmo. Pois é no contato com os próprios conteúdos internos daquele que ama que o amor busca alimento, busca força para jorrar para fora em direção ao ser amado. É no contato com a riqueza interior do ser que nascem as águas geradoras de vida.

TORNAR-SE ADULTO

Segundo o dicionário etimológico, o termo ‘adulto’ vem do latim *adultu*, que cresceu. Só pode tornar-se adulto, só pode crescer, aquele que é capaz de lançar suas raízes para debaixo da terra, que é capaz de ir ao encontro do próprio inferno, impulso necessário para que se possa alcançar o céu. Árdua tarefa, à qual poucos de nós se propõem. Confrontar-se consigo mesmo, desenvolver seus potenciais ao máximo possível a cada momento, aprender a aceitar-se, e, aceitando-se e amando-se, aceitar e amar o Outro e o mundo em que se vive. Modificar o mundo pela aceitação dele é a melhor forma de convivência possível, pois é a forma não destrutiva, e sim cooperativa, de estar presente. Do mesmo modo, somente quando podemos de fato aceitar o outro é que podemos vê-lo como o Outro, aquele ser que nos é valioso como a própria vida. Aceitar, é bom lembrar, não significa concordar, mas, sim, a possibilidade de amar e de confirmar o Outro como ser único e importante; ou, dito de outra forma, aceitar implica a convivência respeitosa com as diferenças e idiossincrasias.

E são poucos os que podem suportar este paradoxo - mudar para tornarem-se como são de fato, porque a mais difícil tarefa proposta ao ser humano é a tarefa de aceitar. Somente

aceitando-se como é uma pessoa poderá amar verdadeiramente e de fato aceitar o Outro e o mundo.

Aceitar-se implica mergulhar em si, tomar contato com todas as suas idiossincrasias e peculiaridades, com todo o circunstancial de cada posicionamento existencial; significa descobrir a confiança em si, geradora da confiança no outro. Maior do que se entender ou se compreender, aceitar-se implica um mergulho no próprio inferno pessoal, implica singrar com suficiente competência as difíceis e turbulentas águas da própria alma.

Auto-aceitação é coisa que só se obtém depois de se conhecer com toda a proximidade possível o trágico da vida, simbolicamente localizado no inferno, naquilo que está embaixo da terra, embaixo do nível da consciência, um lugar habitado pelos nossos medos maiores, pelas nossas mais temidas fantasias, pelos sentimentos aparentemente mais inadequados, pela nossa humanidade mais essencial. Aceitar-se é aprender a dialogar intimamente com o coração, mesmo sabendo que a intimidade intimida.

Há em nossa cultura e em nosso tempo uma tendência de as pessoas evitarem os riscos de se depararem com o próprio inferno interior: mais e mais vai ficando fácil perceber a imensa sedução que exerce sobre as pessoas a idéia de que amar é igual apenas a prazer e superficialidade. O sorriso torna-se quase uma obrigação, a solidão é praticamente proibida, os livros que mais vendem são os que prometem a certeza da felicidade imediata e sem sacrifícios. A simbologia das figuras do diabo e do inferno é deixada de lado, ignorada mesmo, ou, por outro lado, explorada como o que deve ser evitado a todo custo, matriz somente de sofrimentos. As pessoas agem como se fosse possível a algum ser humano um dia estar pronto, como se não estivéssemos destinados a estar em eterna formação e em eterna busca.

Em outros termos: vivemos uma época em que olhamos para apenas um viés da realidade, desprezando o enorme - imenso - valor e significado da palavra também. O amor é prazer, que delícia!; mas é também comprometimento, é também dor, é também sacrifício, é também respeito, é também empatia, é também doação. É também intimidade, é também cuidado. Em suma: é estar também com o Outro (não só consigo mesmo), é algo que ocorre *entre* (pelo menos) dois seres.

Todos esses 'tambéns' são o que chamo a sombra do amor, o que está oculto, embora seja tão importante quanto o que está aparente, numa relação polar como a da lua e o sol. Alguém é capaz de imaginar o que seria da vida se tivéssemos somente o sol, o dia eterno? Pois a minha

impressão é de que, ao se dizerem amando, muitas pessoas hoje buscam transformar a vida em permanente dia, perdendo assim o ritmo da energia vital. E pior: ignorando que é tanto melhor o salto quanto mais firme é o apoio no solo. Quanto mais profundo é nosso contato conosco mesmos, tanto mais radiante será nosso prazer.

Alcançar esses '*tambéns*' é resultado do mergulho no inferno pessoal. Somente um maior contato consigo mesmo permite ao indivíduo encontrar a coragem para apossar-se de si e, assim, paradoxalmente, poder abandonar-se ao ente amado, mudar a alma de residência, sabendo que conhecerá o caminho de volta, sabendo que não viverá o risco de perder-se no outro e de anular-se ou tornar-se excessivamente possessivo por amar.

A pessoa que alcança a coragem suficiente para saber de si, para ter a consciência mais plena possível a cada momento, inevitavelmente passará pelo que eu chamo de o mais importante paradoxo do amor: perder-se no outro sem perder-se de si. Quando encontra esse tipo de coragem, a pessoa encontra também a necessária confiança para deixar-se levar pela energia amorosa como uma criança se deixa levar pelas mãos de quem confia. É esse, por exemplo, o movimento que fazemos quando, em contato com uma obra de arte (uma pintura, uma escultura, um filme, uma peça teatral, uma poesia, um romance), nos deixamos levar pelas emoções provocadas por esse contato, sabendo que, ao fim, estaremos diferentes, mais íntegros, e ainda de posse de nossa identidade. Se esse tipo de coragem não é encontrado, o risco que fica é o de a pessoa deixar-se conduzir pelo outro, anulando-se e/ou, por outro lado, tentando anular o outro, numa espécie de vingança. É como se a pessoa incapaz de entrar em contato com esse tipo de coragem, dissesse ao ser amado: "se eu me anulo para poder estar com você, então também tento lhe anular com minha possessividade, meu excesso de controle ou meus ciúmes."

Desde que li esse mito tupi, cada vez que olho para a Mantiqueira sinto-me emocionado. Olhar para aquela serra lembra-me sempre de como é difícil a arte de amar, como o amor é exigente para com aquele que ama. Os picos da serra lembram a necessidade de mergulhar abaixo do superficial em si para que se possa amar - parecem apontar para o céu como consequência de terem enfrentado o inferno de si mesmos. As águas que brotam de todos os cantos da serra falam-me sempre da dor necessária àqueles que querem aprender a amar, a dor de saber que o amor exige coragem e que esta coragem só pode ser encontrada no mais recôndito e inferior de cada pessoa. A densidade da Mantiqueira faz pensar na necessidade da profundidade para amar.

As matas da serra mostram que há também no Outro um inferno que precisa ser explorado. É o ritmo de ir e vir em nossas profundidades que possibilita a coragem e a alegria de poder acompanhar o ente amado (parceiro, parceira, filhos, pais, amigos) em suas peculiares idas e vindas nas suas profundidades, alimentando a magia do encontro e a pureza do desvelamento, forças motrizes e matrizes do prazer amoroso.

Conta a lenda que o povo esqueceu o nome da princesa encantada da Brava Tribo Guerreira do Povo Tupi, mas nem seria necessário lembrá-lo: basta olhar para a serra e imaginar que lá dentro está uma princesinha tupi chorando rios de lágrimas, rios de amor que vão regando a terra.